

NÃO INDICADO PARA LEITORES IMATUROS

FERNANDO PESSOA

astrologia e ocultismo



Entrevista com José Correia
feita por Zião Dionísio



FERNANDO PESSOA

astrologia e ocultismo

Entrevista com José Correia
feita por Zião Dionísio

Publicada pela primeira vez
na internet em 16 de abril de 2021

Edição e design do livreto
feita por Zião Dionísio @zhiomn
em Colatina, ES, Brasil
no mês de junho de 2024

○ Guardador de Rebanhos - XLVII

Alberto Caeiro

Num dia excessivamente nítido,
Dia em que dava a vontade de ter trabalhado muito
Para nele não trabalhar nada,
Entrevi, como uma estrada por entre as árvores,
○ que talvez seja o Grande Segredo,
Aquele Grande Mistério de que os poetas falsos falam.

Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas ideias.

A Natureza é partes sem um todo.
Isto é talvez o tal mistério de que falam.

Foi isto o que sem pensar nem parar,
Acertei que devia ser a verdade
Que todos andam a achar e que não acham,
E que só eu, porque a não fui achar, achei.

Poema publicado o pela 1ª vez em janeiro de 1925
na revista Athena nº 4, em Lisboa, Portugal



○ jovem Fernando Pessoa
Fonte: fotografia.folha.uol.com.br

Sobre essa Entrevista

Em março de 2021 eu estava editando o livro "Manual de Afogamento" de Halliday Fernandes.

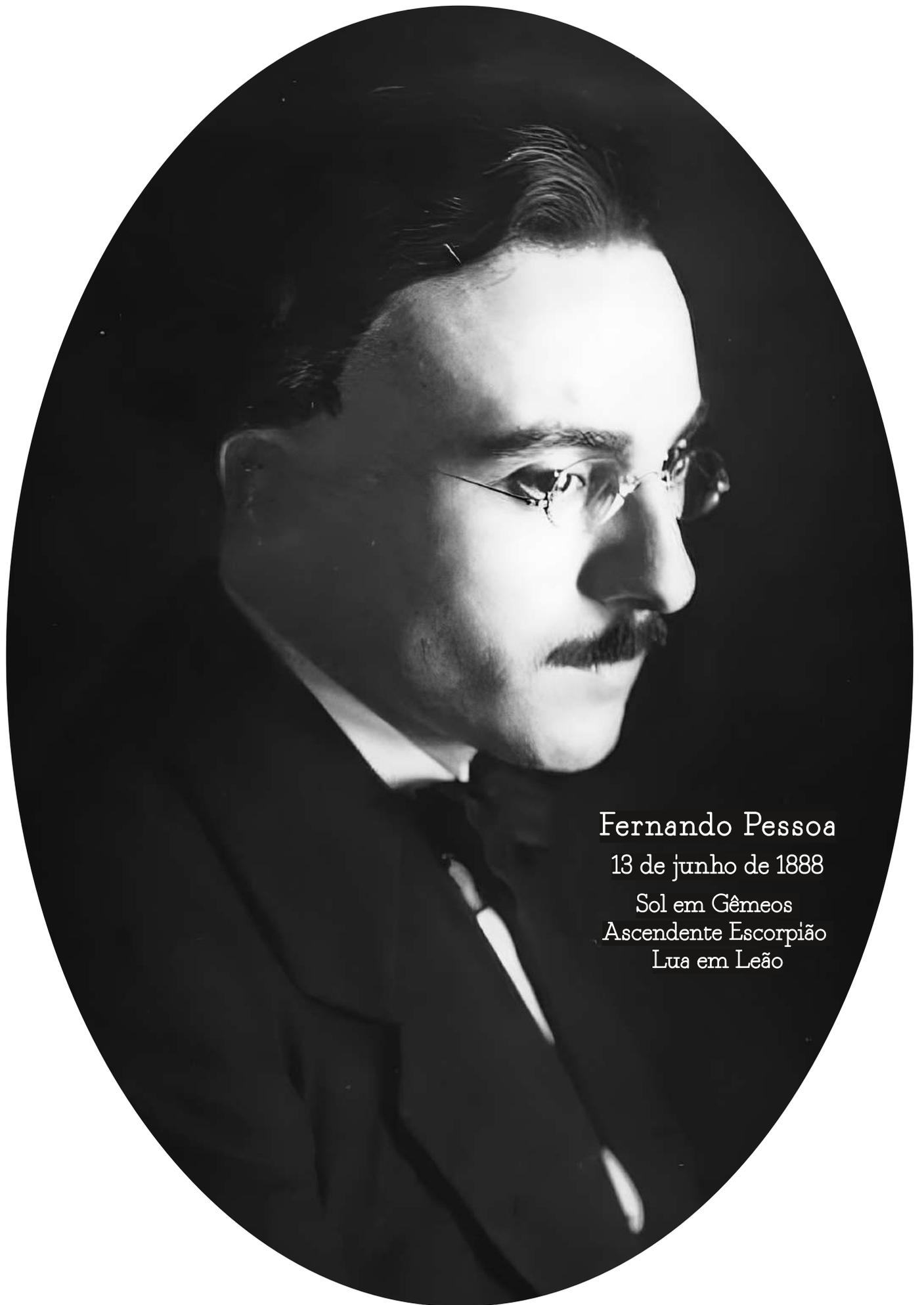
Perguntei para o autor qual data ele gostaria de escolher pra lançar a obra, e ele me respondeu o dia 16 de abril, me contando que esse era o aniversário de Alberto Caeiro, o heterônimo "mestre" de Fernando Pessoa.

Pesquisando sobre o mapa astral de Caeiro (fonte da sua data de nascimento) e do próprio Pessoa, entrei em contato via email com o Museu Casa Fernando Pessoa, localizado em Lisboa, Portugal.

Recebi a resposta de José Correia, que exerce funções de pesquisa bibliográfica e consultoria na biblioteca da Casa Fernando Pessoa desde 2009.

Ao longo de 5 perguntas, pedi que o pesquisador falasse sobre as relações do poeta português com a astrologia, o ocultismo/paganismo, sobre seu encontro com o bruxo inglês Aleister Crowley, e sobre a visão de Pessoa sobre o que há além da morte.

Boa leitura :)



Fernando Pessoa

13 de junho de 1888

Sol em Gêmeos

Ascendente Escorpião

Lua em Leão

Como Fernando Pessoa teve contato e aprendeu sobre astrologia e ciências ocultas?

Toda a vida de Pessoa foi uma busca pelo conhecimento. Daí se dizer que é obra-vida e não vida e obra.

Sempre muito curioso, Pessoa leu sobre todas as áreas do conhecimento humano, como atesta a sua biblioteca privada, que podes explorar através do site da Casa Fernando Pessoa.

Tudo na obra de Pessoa está ligado a tudo o que leu. Andou essencialmente à procura de modelos, para mais tarde, transformá-los em algo da sua autoria.

Pessoa dedicou-se à Astrologia e Ciências ocultas por via de muitas obras de diversos autores que leu desde muito jovem.

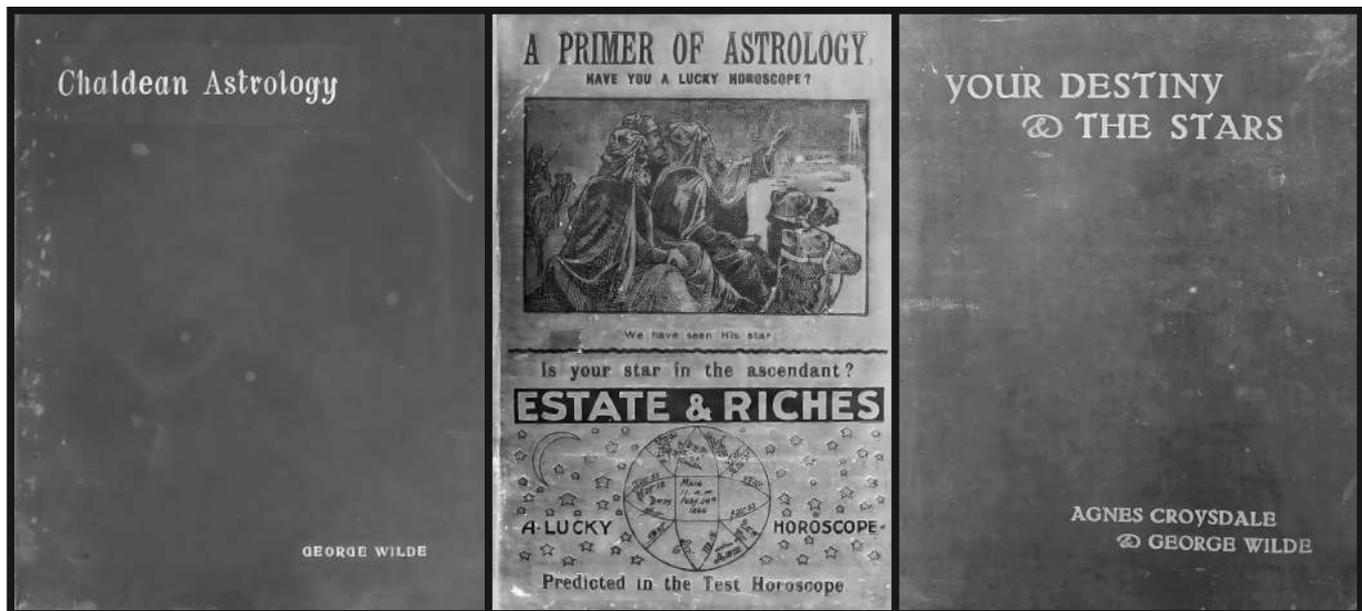
Pessoa foi um excelente astrólogo e usou também a astrologia no seu quotidiano, lidando com esse saber de manhã, à tarde e à noite, como atestam diversos trabalhos realizados, uma vez que contêm a data e a hora em que foram feitos.

Dos cerca de 30.000 papéis que Pessoa deixou e que fazem parte do seu espólio, 2000 referem-se a desenhos e textos relacionados com a astrologia.

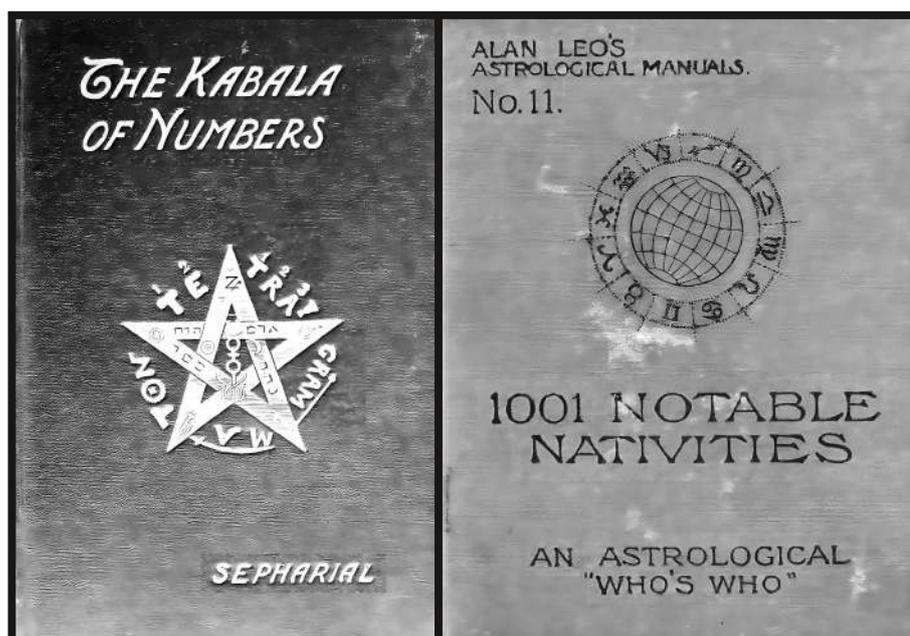
É importante dizer que Pessoa quis renovar a prática da astrologia, procurando novos caminhos com um projecto "New Theory of Astrological Periods", que foi atribuído a Raphael Baldaya, a personagem criada por Pessoa para assinar os textos de teor astrológico.

Uma das mais antigas referências a Baldaya surge numa nota de cerca de 1915, em que são atribuídos por Pessoa, dois projectos: "Systema de Astrologia" e uma "Introdução ao estudo do ocultismo".

Existem documentos do seu espólio em que são expressas referências a livros de astrologia de George Wilde e Sepharial (Walter Gorn Old), notório e respeitável astrólogo no final do século XIX e início do século XX, e membro da Sociedade Teosófica Inglesa, que remetem para 1914, como a data de início do seu estudo da astrologia.



Uma das obras de Sepharial é "Kabala of Numbers", publicada pouco antes de 1913. Numa carta para o editor de "A thousand and One Notable Nativities", de Alan Leo, Pessoa refere ser um estudante de astrologia.



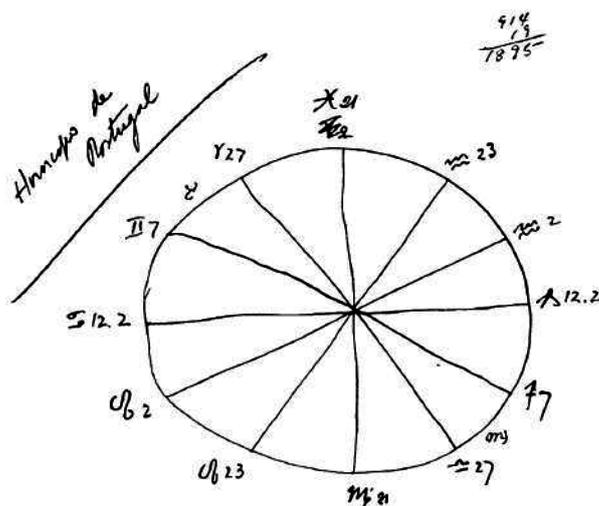
Capas de exemplares que foram de Fernando Pessoa
Fonte: bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt

Durante a vida, Fernando fez diversos mapas atráis de pessoas que conhecia e não conhecia, e até mesmo de alguns heterônimos. Poderia contar sobre esse assunto e sobre onde esses mapas se encontram hoje em dia?

Pessoa realizou "Mapas do céu" de si próprio, da sua família, dos seus amigos e conhecidos, de muitas individualidades portuguesas e estrangeiras da sua época e de outras épocas, assim como dos heterônimos, uma vez que estes ao nível dos "signos Ascendentes", pertencem respectivamente, aos seguintes elementos:

- Fernando Pessoa: Água
- Alberto Caeiro: Fogo
- Álvaro de Campos: Terra
- Ricardo Reis: Ar

Eles formavam uma fraternidade astral, simbolicamente algo de absoluto e indivisível.



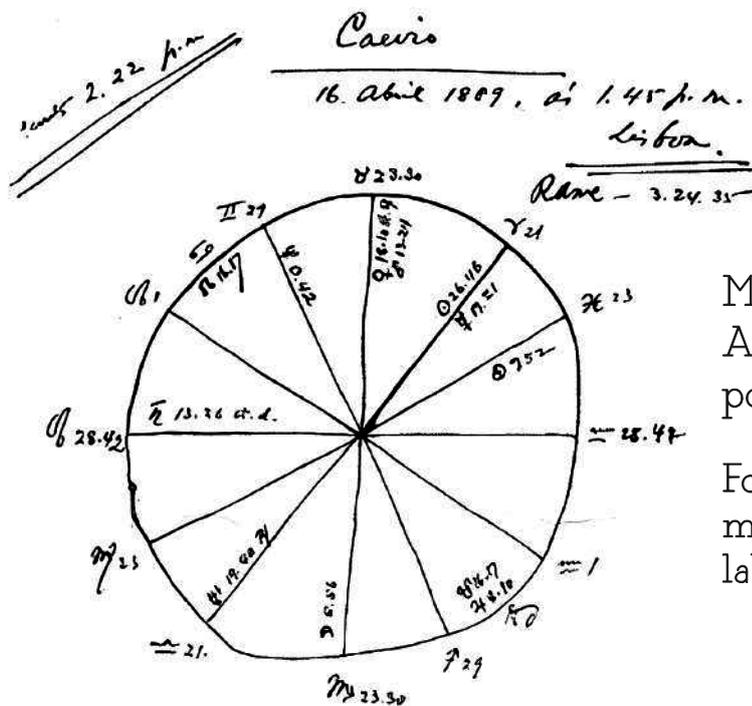
4º horário de. from sept 1906 to July 1918
the 4º ff was angular.

	3ms	Ostino	
Jan 1, 1800.	F 13	U 23	21.44
1820	S 13	7p 345'	1260
1840	= 13	1p 2749'	45
1860	X 14	2p 2544'	1209
1920	Y 14	= 6°27'	109
			45
			10°55'
			5.27
			21
			5.07

Região - horário de 7 pelo M.C.
Rev. 5 outo - 4p. de 7. ff de Lu. para a 7ª casa.
14 maio - horário de 4 pelo M.C.
31 junho - horário de 5 pelo M.C.
2 outo 1906 a julho 1918 4º horário a 7ª casa.
desde março 1917 a set 1912 4º horário a 7ª casa.

Mapa astral de Portugal feito por Fernando Pessoa

Fonte: multipessoa.net/labirinto/ocultismo/10



Mapa astral de Alberto Caeiro feito por Fernando Pessoa

Fonte: multipessoa.net/labirinto/heteronimia/7

Em relação a eventuais cartas para desconhecidos (existem apontamentos com nomes de algumas pessoa que terão solicitado os préstimos de Baldaya), não se sabe se Pessoa/Baldaya alguma vez o terão feito, mas há um documento do seu espólio que refere um preçário para escritos astrológicos que seriam cobrados entre 500 e 5000 reis pelos seus serviços.

Resta dizer que todos os “Mapas do céu” e textos sobre astrologia, ou Ciências Ocultas, se encontram no seu espólio (os tais cerca de 30 000 papéis), que constituem tesouro nacional e estão à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal.

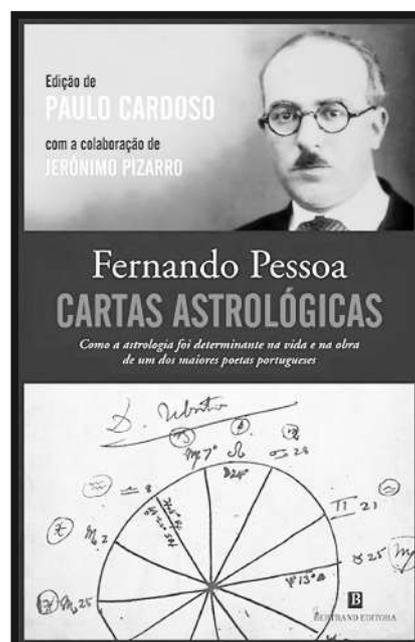
Bibliografia

Cartas Astrológicas de Fernando Pessoa

Como a astrologia foi determinante na vida e na obra de um dos maiores poetas portugueses

editado por Paulo Cardoso e Jerônimo F. Pizarro

Bertrand Editora, 2011



Fernando Pessoa conheceu o inglês Aleister Crowley quando este esteve em Portugal. Antes disso eles já haviam trocado correspondências, e em um momento da vida Pessoa chegou a traduzir o poema "Hino a Pã", escrito por Crowley. Como foram os contatos e relações entre eles, e como a astrologia fez parte disso?

De facto em Setembro de 1930, e a título de resumo, deu-se em Lisboa um encontro muito peculiar entre duas pessoas tão diferentes, que em princípio seria quase impossível de imaginar.

Edward Alexander Crowley (a partir dos 20 anos de idade utilizou a forma galesa Aleister do seu nome), nasceu a 12 de Outubro de 1875, era por isso, mais velho do que Pessoa, nascido a 13 de Junho de 1888. foi uma personalidade controversa e marginal, que nos primórdios do século XX, era relativamente conhecido como um excelente jogador de xadrez, poeta, escritor, já com obra publicada, toxicod dependente.



Membro de várias ordens secretas (Golden Dawn; Argenteum Astrum; Ordo Templi Orientis), praticante de magias sexuais, viajante pelo mundo, alpinista nas montanhas mais altas do antigo Ceilão, espião para o British Intelligence em Nova Iorque durante a 1ª Grande Guerra e estudante em Cambridge.

Aleister Crowley em 1934

Fonte: [britannica.com/
biography/Aleister-Crowley](https://www.britannica.com/biography/Aleister-Crowley)

Em parte algumas destas actividades foram financiadas pela fortuna que herdou dos pais. Dedicou-se a uma vida boémia em Paris. Foi também um profeta de uma religião que criou na Sicília, num templo chamado de Abbey of Thelema, com um dos princípios "Do what thou wilt shall be the whole of the Law", e pintor em Berlim.

Manteve relações particulares com algumas personalidades célebres na época, como: Auguste Rodin, William Sommerset Maugham, Aldous Huxley, entre outros. Crowley também assinava as suas correspondências com outros nomes, como A Grande Besta (The Great Beast) ou 666. Também chegou a utilizar Frater Perdurabo (Liber 777).

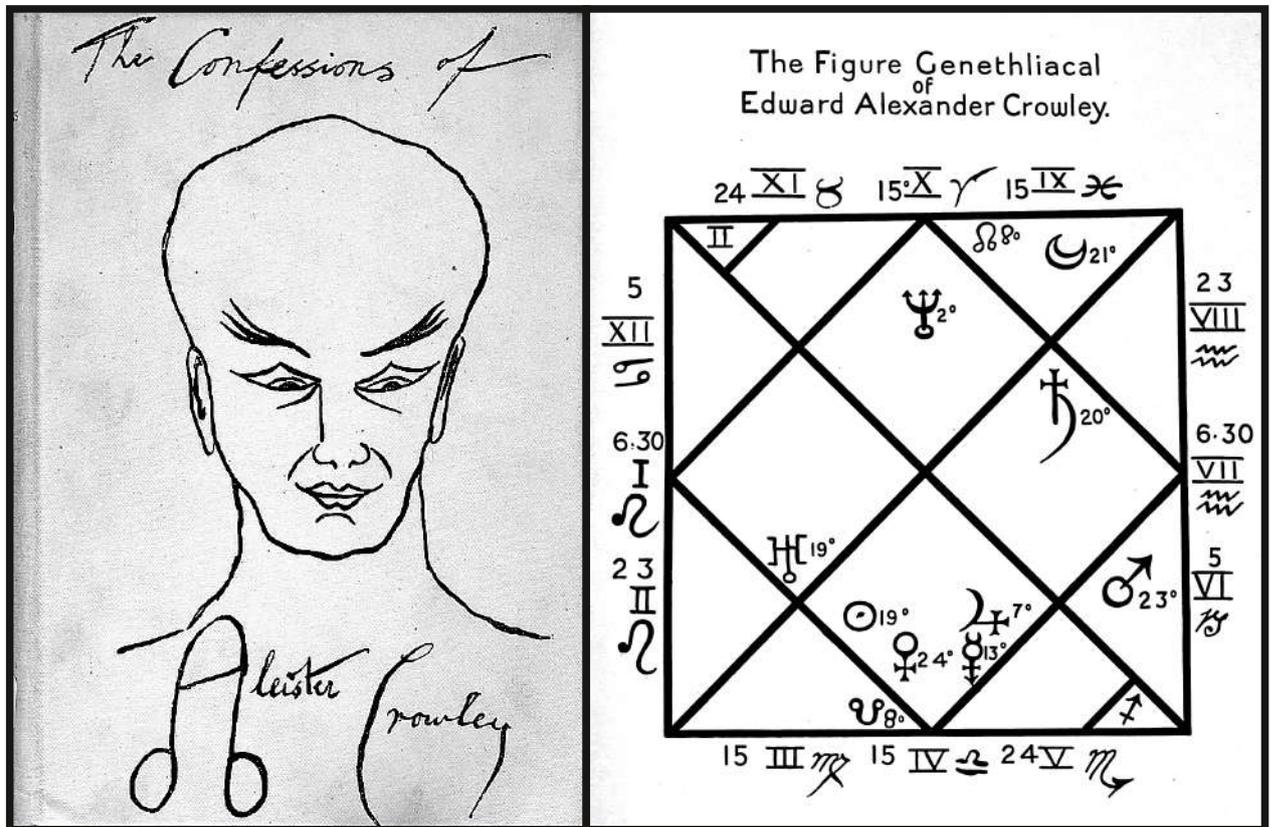
À sua maneira, Pessoa foi ele também alguém marginal, introvertido, discreto, e com pouca obra publicada. Esta história do encontro entre Pessoa e Crowley, terminou também com um suicídio (de Crowley) que não aconteceu.

Vários incidentes e discussões entre Crowley e Hanni Jaeger, a sua companheira, terminaram com a partida desta para a Alemanha. Crowley decidiu fingir o seu suicídio para se vingar. Abandona em segredo o país e o suicídio é encenado na Boca do inferno¹, com a cumplicidade de Pessoa e de Augusto Ferreira Gomes (amigo de Pessoa, jornalista e astrólogo) A notícia saiu no Diário de Notícias/Notícias Ilustrado (n.º 21, 5 de Outubro de 1930), redigida por Pessoa e assinada por Ferreira Gomes.

No dia 2 de Setembro de 1930 chega a Lisboa, a bordo do navio "Alcântara" o Mago Negro Aleister Crowley (considerado o "pior homem do mundo"), acompanhado da jovem Hanni Larissa Jaeger, também conhecida por "Dama Escarlata". Crowley vinha a Lisboa no seguimento de correspondência mantida com Fernando Pessoa, que o foi esperar ao cais.

¹ Formação rochosa, localizada em Cascais, próxima de Lisboa, local onde vários suicidas puseram termo à vida.

A relação entre Pessoa e Crowley teve início em 1929, quando o poeta após adquirir e ler a obra “The Confessions of Aleister Crowley”, ter detectado e comunicado a existência de um lapso no horóscopo do Mago à editora deste, Mandrake Press.



Capa da autobiografia de Crowley (esquerda) e seu mapa astral (direita)

Fonte: bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt

Crowley e Pessoa encontraram-se três vezes durante a estadia do Mago, até à simulação do suicídio deste na Boca-do-Inferno, em Cascais. Em termos literários, o que resultou deste encontro mágico, foi profícuo. Para além do poema “Dá a surpresa de ser”, escrito a 10 de agosto de 1930, Pessoa também terá erigido o horóscopo de Hanni, embora não tenha mencionado o nome no cabeçalho da folha de papel em que o desenhou, o que revela algum fascínio por Hanni Jaeger.

Três semanas depois da estadia de Crowley em Portugal, Pessoa produziu o poema “O Último Sortilégio”, datado de 15 de outubro de 1930, que foi publicado na revista Presença. Deste poema, existem referências em cartas dirigidas a João Gaspar Simões.

Na carta de 16 de outubro de 1930, Pessoa menciona:

“Uma advertência: este poema é uma interpretação dramática da 'magia de transgressão'. Se, por alguma circunstância, achar melhor não o publicar, não hesite em não o publicar.”

Na de 30 de outubro de 1930, escreve:

“Deveras e realmente, não posso dar-lhe explicação nenhuma sobre a gênese particular deste poema. Sobre a gênese geral dessa ordem de poemas é que talvez haveria alguma coisa a dizer. Mas isso não tem interesse estético nem psicológico.”

Ainda fazem parte do trabalho desenvolvido por Pessoa, uma tradução do poema de Crowley “Hymn to Pan” (“Hino a Pã”), publicada na revista Presença, nº 33. (Coimbra: Jul.-Out. 1931), e mais de 90 trechos de uma novela policial com o título “The Mouth of Hell” (“A Boca do Inferno”), para além da correspondência trocada entre o poeta e Crowley.



Bibliografia:

O Mistério da Boca-do-Inferno

O encontro entre o Poeta Fernando Pessoa e o Mago Aleister Crowley
Victor Belém - Casa Fernando Pessoa, 1995

Fernando Pessoa: O Guardador de Papéis
Org. Jerónimo Pizarro - Texto Editores, 2009

Em “Notas para a recordação do meu mestre Caeiro”,
Álvaro de Campos diz que:

“O meu mestre Caeiro não era um pagão: era o paganismo.
O Ricardo Reis é um pagão, o António Mora é um pagão,
eu sou um pagão; o próprio Fernando Pessoa seria um pagão,
se não fosse um novelo embrulhado para o lado de dentro.”

Por que Pessoa não se tornou um pagão, e como
seus heterônimos manifestaram o que ele não pôde ser?

A sua 4.^a pergunta é muito interessante. Como o próprio Pessoa disse na carta a Adolfo Casais Monteiro, trata-se de um drama em gente. Há um jogo de personagens.

A própria simplicidade de Caeiro não deixa de ser “simulada”, porque quando ele diz nos versos:

“Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender”

do poema XXIV de “O Guardador de Rebanhos”, significa que há toda uma trajetória intelectual complexa, porque revela que ele avaliou todo esse conhecimento que lhe foi dado, mas acabou por rejeitá-lo porque não encontrou verdade nenhuma e o neopaganismo é o regresso ao homem primitivo, que supõe uma certa inocência, tal qual, uma criança.

Ele é o oposto de Pessoa, exactamente porque rejeitou o pensamento e deu um passo em frente na busca do arquétipo da felicidade que assenta na infância. Pessoa continua mergulhado na sua busca incessante pelos mistérios da existência, que só lhe podem trazer angústia, uma vez que não há respostas nem verdades absolutas.

O Neopaganismo moderno pode ser entendido como o regresso aos antigos deuses (gregos e latinos), na forma de fazer arte e literatura. Nas "Notas de Campos", ele diz que:

"Reis é um pagão por carácter,
o Mora é um pagão por inteligência,
ele próprio é um pagão por revolta, por temperamento,
e que Caeiro é a consubstanciação do paganismo."



Arca de madeira onde Pessoa guardava tudo que havia escrito
e sua estante de livros no fundo

Fonte: arquivopessoa.net



Fernando Pessoa em 1928

Fonte: casafernandopessoa.pt/pt/fernando-pessoa

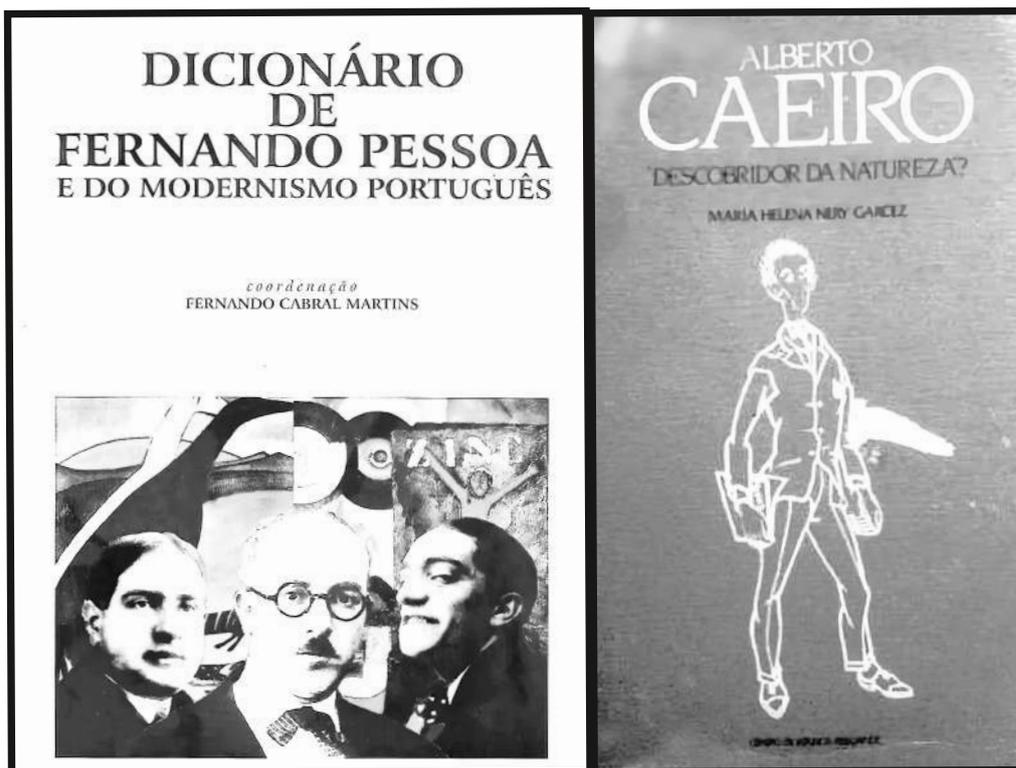
Caeiro é o centro onde gravitam os heterônimos por serem seus discípulos, de acordo com as suas características próprias. O Neopaganismo seria representado por Caeiro, tal como diz Reis:

“A obra de Caeiro representa a reconstrução integral do paganismo, na sua essência absoluta, tal como nem os gregos nem os romanos, que viveram nele e por isso o não pensaram, o puderam fazer. A obra, porém, e o seu paganismo, não foram nem pensados nem até sentidos: foram vindos com o que quer que seja que é em nós mais profundo que o sentimento ou a razão.”

Pessoa também é um neopagão, à sua maneira porque desenvolveu uma forma própria de paganismo, o Paganismo Superior, com ligações ao Neoplatonismo e ao antigo imperador romano Juliano, o Apóstata, que tentou restaurar os templos dos antigos deuses que haviam sido destruídos.

Essencialmente o Paganismo Superior de Pessoa é uma espécie de Paganismo para os tempos modernos, onde cabiam:

“todos os protestantismos,
todos os credos orientais,
todos os paganismos mortos e vivos
– fundindo-os portuguesamente
no Paganismo Superior [...]”.



Bibliografia:

Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português
Coord. Fernando Cabral Martins - Editorial Caminho, 2008

Alberto Caeiro : 'descobridor da natureza'
Maria Helena Nery Garcez - Centro de Estudos Pessoaanos, 1985

Sabe-se que Pessoa fez previsões astrológicas sobre a própria morte e sobre a morte de outra pessoa... qual era a visão do poeta-astrólogo (e seus heterônimos) sobre o que acontece após a morte?

De facto, são muito interessantes as suas perguntas. São pura filosofia.

A metafísica e a ontologia, como sejam a efemeridade da vida, a finalidade da morte, o sentido da existência estão presentes no caminho literário de Pessoa, essa sua busca constante pelas verdades.

Essa busca pelo que está oculto começa bastante cedo através de personagens literárias, como sejam os pré-heterônimos em língua inglesa: Charles Robert Anon e Alexander Search, que terão continuidade mais tarde no Pessoa ortónimo, quer nos heterônimos pagãos e em Álvaro de Campos.



Investigadores como Yvette Centeno e Pedro Teixeira da Mota apresentaram textos pessoanos que mostram a posição esotérica do poeta, e nesse sentido a sua pergunta sobre a vida para além da morte ou imortalidade poderá ser respondida à luz do que transparece da obra de Fernando Pessoa.

No início de 1913, Pessoa escreveu o conjunto de poemas “Além-Deus”, entre os quais, o seguinte:

IV – A Queda

Fernando Pessoa

Da minha ideia do mundo
Caí...
Vácuo além de profundo,
Sem ter Eu nem Ali...

Vácuo sem si-próprio, caos
De ser pensado como ser. .
Escada absoluta sem degraus..
Visão que se não pode ver

Além-Deus! Além-Deus! Negra calma...
Clarão de Desconhecido...
Tudo tem outro sentido, ó alma,
Mesmo o ter-um-sentido..

Para ele a verdade está oculta;

“os ensinamentos ministrados nos mistérios abrangem três ordens de coisas: (1) a verdadeira natureza da alma humana, da vida e da morte, (2) a verdadeira maneira de entrar em contacto com as forças secretas da natureza e manipulá-las, e (3) a verdadeira natureza de Deus ou dos Deuses e da criação do mundo.”

(Espólio. 54-97).

Na sua nota biográfica, de 1935, quanto à sua posição religiosa, refere que:

“Cristão gnóstico, e portanto inteiramente oposto a todas as Igrejas organizadas, e sobretudo à Igreja de Roma. Fiel, por motivos que mais adiante estão implícitos, à Tradição Secreta do Cristianismo, que tem íntimas relações com a Tradição Secreta em Israel (a Santa Kabala) e com a essência oculta da Maçonaria.”

Na carta a Adolfo Casais Monteiro de 13 de Janeiro de 1935, Pessoa refere que:

“Creio na existência de mundos superiores ao nosso e de habitantes desses mundos, em experiência de diversos graus de espiritualidade, subtilizando-se até se chegar a um Ente Supremo, que presumivelmente criou este mundo. Pode ser que haja outros Entes, igualmente supremos, que hajam criado outros universos, e que esses universos coexistam com o nosso, interpenetradamente ou não. (...) Dadas estas escalas de seres, não creio na comunicação directa com Deus, mas, segundo a nossa afinação espiritual, podemos ir comunicando com seres cada vez mais altos.”

Y. Centeno refere que

“a criação literária é, para Fernando Pessoa, uma das faces do mistério iniciático”.

(In, Fernando Pessoa e a Filosofia Hermética.)

Por isso,

“(…) Ser iniciado é ser admitido à conversa dos Anjos. Uns ouvem, outros vêem e ouvem. Os primeiros estão à esquerda os outros à direita.” (Esp. 54B-20).

Daí as referências aos Rosa-Cruz:

No Túmulo de Christian Rosencreutz

Fernando Pessoa

I

Quando, despertos deste sono, a vida,
Soubermos o que somos, e o que foi
Essa queda até Corpo, essa descida
Até à Noite que nos a Alma obstrui,

Conheceremos pois toda a escondida
Verdade do que é tudo que há ou flui?
Não: nem na Alma livre é conhecida...
Nem Deus, que nos criou, em Si a inclui.

Deus é o Homem de outro Deus maior:
Adam Supremo, também teve Queda;
Também, como foi nosso Criador,

Foi criado, e a Verdade lhe morreu...
De além o Abismo, Espírito Seu, Lha veda;
Aquém não a há no Mundo, Corpo Seu.

II

Mas antes era o Verbo, aqui perdido
Quando a Infinita Luz, já apagada
Do Caos, chão do Ser, foi levantada
Em Sombra, e o Verbo ausente escurecido.

Mas se a Alma sente a sua forma errada,
Em si, que é Sombra, vê enfim luzido
O Verbo deste Mundo, humano e ungido.
Rosa Perfeita, em Deus crucificada.

Então, senhores do limiar dos Céus,
Podemos ir buscar além de Deus
O Segredo do Mestre e o Bem profundo;

Não só de aqui, mas já de nós, despertos,
No sangue actual de Cristo enfim libertos
Do a Deus que morre a geração do Mundo..

III

Ah, mas aqui, onde irrealis erramos,
Dormimos o que somos, e a verdade,
Inda que enfim em sonhos a vejamos,
Vemo-la, porque em sonho, em falsidade.

Sombras buscando corpos, se os achamos
Como sentir a sua realidade?
Com mãos de sombra, Sombras, que tocamos?
Nosso toque é ausência e vacuidade.

Quem desta Alma fechada nos liberta?
Sem ver, ouvimos para além da sala
De ser, mas como, aqui, a porta aberta?

.....

Calmo na falsa morte a nós exposto,
O Livro ocluso contra o peito posto,
Nosso Pai Roseacruz conhece e cala.

Assim, a morte para Pessoa é apenas uma “passagem”, conforme as suas palavras,

“O significado real da iniciação é, para este mundo em que vivemos, um símbolo e uma sombra, que esta vida que conhecemos pelos sentidos é uma morte e um sono, ou, por outras palavras, que o que vemos é uma ilusão.” (Esp. 54A-55)

Todo esse caminho é referido no poema “Iniciação”:

Iniciação

Fernando Pessoa

Não dormes sob os ciprestes,
Pois não há sono no mundo.

.....

O corpo é a sombra das vestes
Que encobrem teu ser profundo.

Vem a noite, que é a morte
E a sombra acabou sem ser.
Vais na noite só recorte,
Igual a ti sem querer.

Mas na Estalagem do Assombro
Tiram-te os Anjos a capa.
Segues sem capa no ombro,
Com o pouco que te tapa.

Então Arcanjos da Estrada
Despem-te e deixam-te nu.
Não tens vestes, não tens nada:
Tens só teu corpo, que és tu.

Por fim, na funda caverna,
Os Deuses despem-te mais.
Teu corpo cessa, alma externa,
Mas vês que são teus iguais.

.....

A sombra das tuas vestes
Ficou entre nós na Sorte.
Não estás morto, entre ciprestes.

.....

Neófito, não há morte.

Para Yvette Centeno:

“(...) Fernando Pessoa encontra na filosofia hermética uma via para o instruir sobre a natureza do homem (e da arte na sua mais elevada dimensão), a natureza do Universo e de Deus. Alcança deste modo uma forma de sabedoria, a que lhe permite fechar o círculo da serpente ouroboros (A Ouroboros ou Oroboros é uma criatura mitológica, uma serpente que engole a própria cauda formando um círculo e que simboliza o ciclo da vida, o infinito, a mudança, o tempo, a evolução, a fecundação, o nascimento, a morte, a ressurreição, a criação, a destruição, a renovação.

Muitas vezes, esse símbolo antigo está associado à criação do Universo), descobrindo e afirmando que 'tudo é um' e que ao artista, como ao adepto, compete 'reconhecer a verdade como verdade, e ao mesmo tempo como erro; viver os contrários, não os aceitando; sentir tudo de todas as maneiras, e não ser nada, no fim, senão o entendimento de tudo..”

No conjunto de poemas, “Passos da Cruz”, publicados na revista Centauro, em 1916, 14 sonetos que simbolizam a via sacra, Pessoa remete para a ideia de ser escolhido por uma entidade metafísica para uma missão a desempenhar:

“Há um poeta em mim que Deus me disse..
Há um poeta em mim que Deus me disse..” (...)

“Aconteceu-me do alto do infinito / Esta vida.” (...)

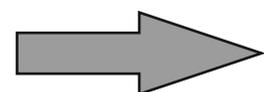
“Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela
E oculta mão colora alguém em mim.” (...)

“Emissário de um rei desconhecido
Eu cumpro informes instruções de além.” (...)

A questão da imortalidade da alma, está plasmada no seu único livro publicado em português, “Mensagem”, uma contemplação do passado versando um futuro espiritual de um bem comum como o (5.º Império, espiritual) assente na cultura, na literatura e língua portuguesas.

Poderá também encontrar a imortalidade simbólica no desdobramento em vários, aí também Pessoa recusou a morte.

A perspectiva da imortalidade
na visão dos heterônimos



Ricardo Reis

O quanto somos fracos, frágeis e estamos prometidos à morte. Para este heterônimo, cuja filosofia se baseia no Epicurismo e no Estoicismo, há a procura de uma tranquilidade (ataraxia), face à angústia do homem perante a efemeridade da vida, da fugacidade do tempo, e da fatalidade da morte. (...) "a verdade se existe é com os Deuses" (...)

Nada fica de nada. Nada somos.

Ricardo Reis

Nada fica de nada. Nada somos.
Um pouco ao sol e ao ar nos atrasamos
Da irrespirável treva que nos pesa
Da húmida terra imposta.
Leis feitas, estátuas altas, odes findas -
Tudo tem cova sua. Se nós, carnes
A que um íntimo sol dá sangue, temos
Poente, porque não elas?
O que fazemos é o que somos. Nada
Nos cria, nos governa e nos acaba.
Somos contos contando contos, cadáveres
Adiados que procriam.

– 28 de agosto de 1932

Poemas de Ricardo Reis. Fernando Pessoa.
Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994. p. 168a.

Alberto Caeiro

Embora hoje em dia face à teoria do Bigbang se diga que o cosmos é finito, tal como o planeta Terra e o Sol, uma vez que tudo o que nasce morre, Caeiro perspectiva a imortalidade neste poema utilizando o universo como algo que vai para além do tempo.

Caeiro foi construído como uma personagem que recusa o pensamento, o metafísico, o mistério, a filosofia e o misticismo.

Aceita o universo

Alberto Caeiro

Aceita o universo
Como te deram os deuses.
Se os deuses te quisessem dar outro
Ter-to-iam dado.

Se há outras matérias e outros mundos
Haja.

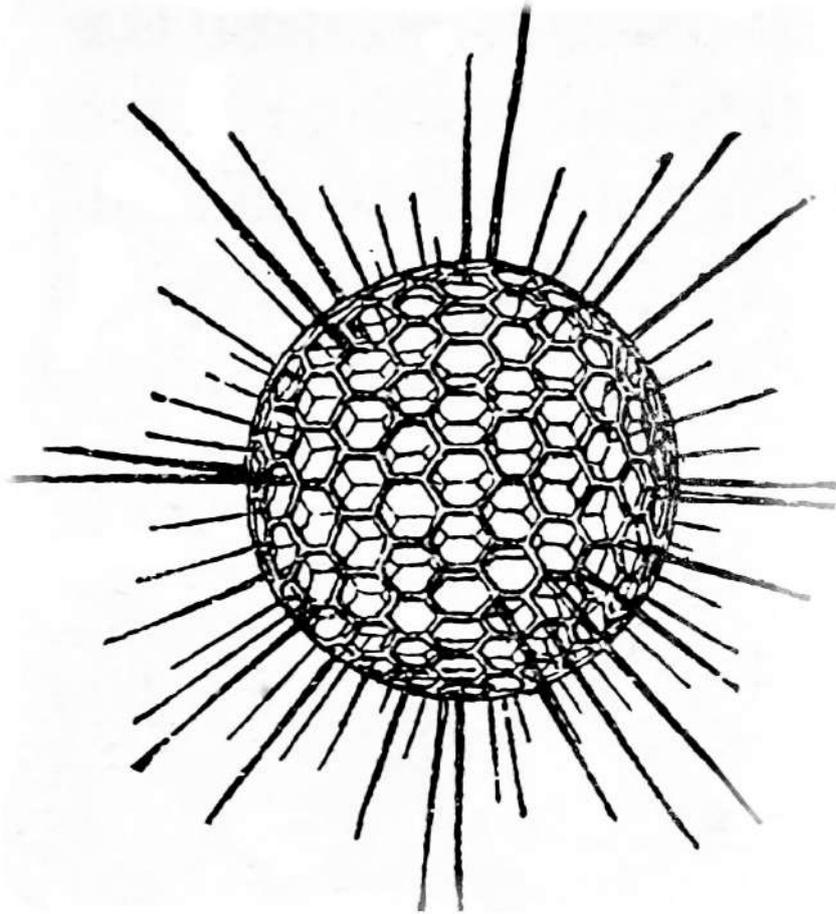
– 1º de outubro de 1917

Poemas Completos de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa.
Lisboa: Presença, 1994. p. 136.



Fernando Pessoa no Abel Pereira da Fonseca, mais conhecido como Adega Val do Rio, onde comprava bebidas e cigarros.

Foto de 1929 - Fonte: casafernandopessoa.pt



Leia outras obras da editora em
tropicalversos.com

Se gostou da leitura você pode
apoiar o projeto pelo pix abaixo



Pix:  poetaziao@gmail.com



"Dos cerca de 30000 papéis que Pessoa deixou e que fazem parte do seu espólio, 2000 referem-se a desenhos e textos relacionados com a astrologia."